

Casa da Ínsua – Hotel Histórico



Casa da Ínsua Relógios

A Casa da Ínsua ao longo dos tempos, tem sido palco de uma enorme e rica variedade de relógios que, para além de marcarem as horas, são eles próprios uma marca do tempo.

Na vertente dos relógios mecânicos, o relógio do campanário é um bom exemplo de máquinas que vão sobrevivendo à passagem do tempo e à voragem do progresso e continuam a afirmar a sua personalidade e utilidade. Da aparente singeleza da máquina, face à dimensão dos pesos, até ao engenhoso sistema de ligação da máquina aos ponteiros, acabando no mostrador e na adenda de uma acutilante frase em latim no seu suporte, é um dos pontos a admirar na passagem do tempo na Casa da Ínsua.

Outro relógio marcante pela beleza e sofisticação, está ainda hoje no seu posto, por cima da lareira do salão nobre. Máquina extremamente complexa, autêntica joia da relojoaria, foi dotado de inúmeros funções e capacidades, uma das quais, sempre muito admirada por todos quantos com ele conviviam, era a capacidade musical, com diferentes melodias para cada hora e cada ocasião. No entanto, o relógio acabou por ficar mudo e dada a sua extrema complexidade assim ficou quase um século. Até que Luís, o irmão de João Albuquerque, decidiu dar-lhe uma nova vida. Embalou-o e rumou, com ele, a Paris, onde fora comprado. Na viagem de regresso de comboio, devia vir feliz com o relógio a seu lado, de novo com as todas as funções do relógio a funcionarem na plenitude. Porém, na chegada à estação de Mangualde, ao descer da carruagem, o tão apreciado relógio caiu... e voltou a ficar mudo. Regressou ao seu posto, mas perdera de novo o pio e silencioso continuou... até aos nossos dias!

As fotografias antigas da sala dos retratos permitem-nos perceber que, durante muitos anos, duas redomas, cada uma delas com um relógio de bolso com vistosas correntes de ouro, permaneceram na mesa central em exposição. Trata-se de relógios com história, pois foram, cada um deles, oferta do rei a Francisco de Albuquerque e Castro (1635-1690), como reconhecimento dos serviços prestados e demonstram a proximidade que manteve com cada um deles. O primeiro D. Afonso VI e o segundo D. Pedro II, que se tornou rei depois de afastar o irmão. Francisco esteve na comitiva que trouxe D. Maria Francisca para Portugal, que haveria de ser Rainha de Portugal por duas vezes, ao casar sucessivamente com os dois irmãos. Francisco soube atravessar com doura sabedoria, os graves conflitos entre os dois irmãos e foi muito apreciado por ambos. Francisco de Albuquerque e Castro recebeu também a Comenda de S. Martinho de Chãs, na Ordem de Cristo, que se manteve na Ínsua até a sua extinção.

Os relógios do sol são outro domínio fascinante com a sua beleza e perenidade. Com o seu gnómon, como medidas e inclinação únicas para cada lugar e com as divisões / marcas que permitem a leitura do tempo, são, cada uma delas, peças únicas que ficam presas ao alugar para onde foram desenhados e fabricados.

Nesta vertente de relógios de sol a mais notável peça da coleção da Casa da Ínsua é o relógio com hora e data localizado na Varanda do Tempo, um Heliocronómetro. Muito além da beleza estética da peça e da acutilância da frase em latim que o rodeia, é surpreendente o nível de precisão deste equipamento e a quantidade de informação que disponibiliza, com recurso à pequena lente que encaminha os raios solares, para nos dar informação, além das horas, do dia, mês e estação do ano. Esta obra-prima foi encomendada em Paris na última década do século XIX a Eugene Ducretet e, mais de um século depois, continua a deliciar-nos com a sua precisão e com a sua harmonia. Relógio de precisão fabricado na empresa E. Ducretet & Cia - Paris, para a Varanda do Tempo, da Casa da Ínsua.

Outros relógios de sol que merecem referência são a bela peça em relevo metálico, que está na parede da fonte do Terraço, ou o relógio de mesa com canhão que está próximo dela. Este relógio de sol é do período da construção da Casa da Ínsua pois foi nessa época (1785) que este tipo de relógio de sol foi criado e tudo indica ter sido invenção de um engenheiro francês de nome Rousseau. A senhora do Pópó com o triplo relógio na base pode admirar-se após a descida do terraço, na via para o tanque dos cisnes. A suite do Jardim Francês, possui outro exemplar um singelo relógio em granito fixo na sua sacada central.

Temática com especial sortilégio que nos fascina com a passagem do tempo e onde muito mais se pode descobrir na Casa da Ínsua...

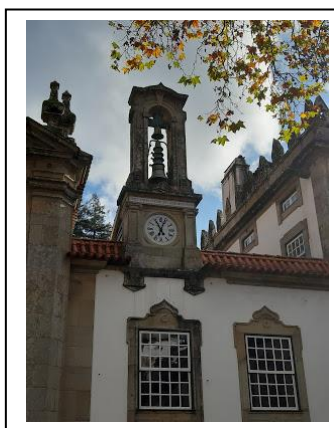


Casa da Ínsua – Hotel Histórico



Relógios mecânicos e de sol na Casa da Ínsua, Penalva do Castelo

Dos recentes dias do Ephemera pelo Distrito de Viseu, já falámos aqui. O programa incluiu uma visita à Casa da Ínsua, exploração agrícola hoje a cargo do grupo Visabeira e hotel administrado pela rede de Paradores. A visita do grupo de voluntários do Ephemera ao também conhecido como Solar dos Albuquerque foi guiada pelo Engenheiro José Luís Nogueira, quadro Visabeira, responsável por esta quinta barroca. Hoje, falemos sobretudo de relógios - mecânicos e de sol.



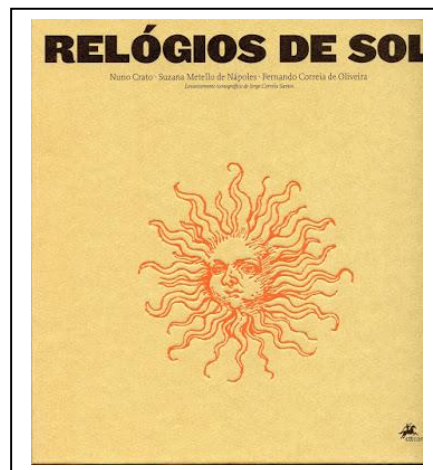
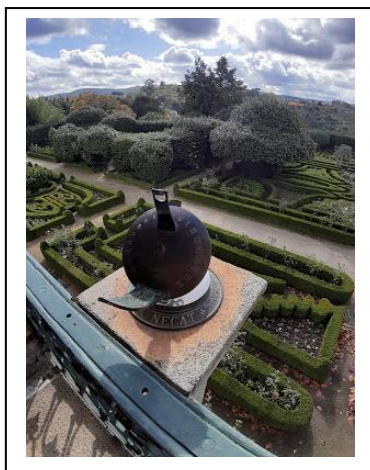
Preci, labori otioque est, homo, munus meum

(no trabalho, na prece e no ócio, sempre a funcionar) ou ainda outra interpretação: (O meu mister é chamar o homem para rezar, trabalhar e descansar). A frase encontra-se por debaixo do mostrador do relógio de torre no pátio da entrada principal da Casa da Ínsua, Penalva do Castelo.

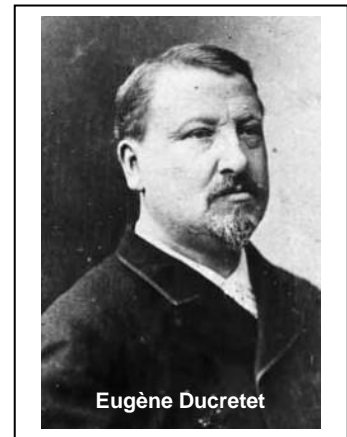
O exemplar mais curioso, incluído na obra Relógios de Sol, dos CTT, é do século XIX. Está na chamada Varanda do Tempo, e tem a inscrição *OMNES VULNERANT ULTIMA NECAT* (Todas ferem, a última mata) - no sentido de "cada hora fere a nossa vida até que a derradeira a rouba".

Assinado E. DUCRETET & Cia - Paris, trata-se de um heliocronómetro, do tipo equatorial. Colocado sobre uma base móvel, pode assim ajustar-se à latitude do lugar. A sombra projectada no disco principal marca a hora do dia. Uma lente (a chamada alidade), colocada à distância de 15 cm do mostrador secundário, concentra a luz do sol e indica o dia do ano, segundo o calendário gregoriano. Nesse mostrador, em forma de língua, uma linha assinala os Equinócios, outra a meridiana do tempo verdadeiro. Estas duas linhas perpendiculares fazem a divisão das 4 Estações e indicam os meses do ano. A meridiana do tempo médio também está gravada, marcando a chamada Equação do Tempo (a variação de mais 16 ou menos 14 minutos, ao longo do ano, na duração do dia de 24 horas). Tem a forma de uma espécie de 8, a que se chama Analema.

Este tipo de relógio de sol, bastante sofisticado, fabricado pelas oficinas de instrumentos de precisão de Eugene Ducretet e L. Lejeune, em Paris, serve também para ensinar noções de astronomia.

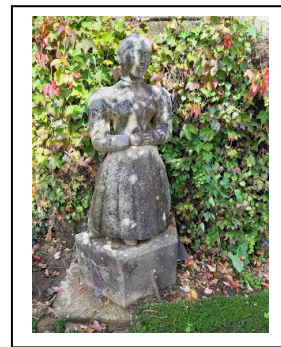


"Eugène Adrien Ducretet (1844-1915) foi um fabricante francês de instrumentos científicos e aparelhos de precisão, recordado como um curioso impenitente, ávido de descobrir e inovar. Foi ele quem, juntamente com Gustav Eiffel, esteve no topo da Torre Eiffel, protagonizando as primeiras experiências de Telegrafia Sem Fios. Foi no dia 5 de Novembro de 1898 e a comunicação foi estabelecida com o Panteão a quatro quilómetros de distância. No ano seguinte as ondas de TSF emitidas na Torre Eiffel atravessariam o Canal da Mancha pela primeira vez... Seria este o pretexto que ajudaria Gustav Eiffel a salvar a sua torre, cuja desmontagem, após a Feira Universal, estava programada desde a sua construção, em 1889. Um eficaz suporte para antenas era a necessidade emergente para a qual a Torre dava a resposta e que permitiu que ela ali permanecesse, chegando aos nossos dias e se tornando-se num dos locais mais visitados do mundo", faz notar José Luís Nogueira em apontamentos de 2009, ainda inéditos, sobre a Casa da Ínsua.



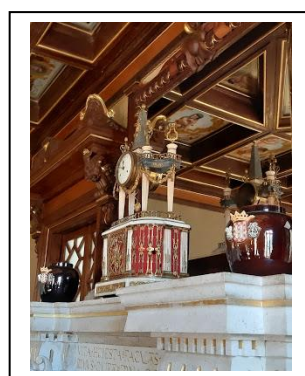
No piso térreo, na parede que integra o conjunto da Bica do Leão, outro relógio de sol, com cunha, para colocar o gnómon paralelo ao eixo da Terra. Peça de metal, com trabalho em relevo, dois leões rampantes, em posição central. Em latim, tem a inscrição *Sine sole sileo* (Sem Sol fico em Silêncio).

Próximo, aquilo que foi a base de uma meridiana - relógio de sol acoplado a uma pequena peça de artilharia, com lupa. Ao meio-dia solar verdadeiro - quando o Sol atinge o ponto mais alto no horizonte, o zénite - a lente fazia arder uma mecha, que por sua vez fazia disparar o canhão miniatura. Dessas peças, nada resta.



À saída do terraço, junto ao tanque dos cisnes, numa estátua de figura feminina (conhecida como "Senhora do Pópó), um pedestal com um relógio de sol com três quadrantes verticais, para assim poder "dar horas" desde a aurora ao ocaso. A peça está fora do seu sítio original (e à sombra). Orientada, colocada em lugar soalheiro, voltaria à sua função.

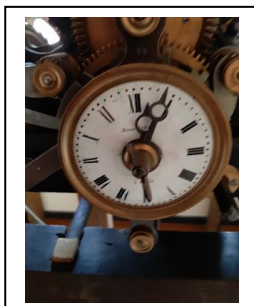
Nas salas, alguns exemplares de caixa alta, não assinados, possivelmente peças do século XVIII, uma delas de Escola Inglesa. Numa das salas principais, um interessante exemplar de mesa, com caixa de música. Seria interessante saber o(s) autor(es).



Diz-nos José Luís Nogueira, no já citado estudo inédito sobre a Ínsua: "Outro relógio marcante pela beleza e sofisticação, está ainda hoje no seu posto, por cima da lareira do salão nobre. Máquina extremamente complexa, autêntica joia da relojoaria, foi dotado de inúmeros funções e capacidades, uma das quais, sempre muito admirada por todos quantos com ele conviviam, era a capacidade musical, com diferentes melodias para cada hora e cada ocasião. No entanto, o relógio acabou por ficar mudo e dada a sua extrema complexidade assim ficou quase um século. Até que Luís, o irmão de João Albuquerque, decidiu dar-lhe uma nova vida. Embalou-o e rumou, com ele, a

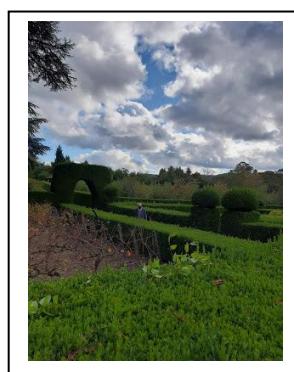
Paris, onde fora comprado. Na viagem de regresso de comboio, devia vir feliz com o relógio a seu lado, de novo com as todas as funções a funcionarem na plenitude. Porém, na chegada à estação de Mangualde, ao descer da carruagem, o tão apreciado relógio caiu... e voltou a ficar mudo. Regressou ao seu posto, mas perdera de novo o pio e silencioso continuou... até aos nossos dias!"

A máquina do relógio de torre com cujo mostrador iniciámos este post. Assinada Jérémie Girod. Um exemplar do século XIX, a bater horas e quartos. De um francês com loja ou oficina em La Coruña e no Porto. Noutra sala está exposto o quadro com o esquema de construção da torre sineira ou de relógio.



Diz José Luís Nogueira: "A Casa da Ínsua ao longo dos tempos, tem sido palco de uma enorme e rica variedade de relógios que, para além de marcarem as horas, são eles próprio uma marca do tempo. Na vertente dos relógios mecânicos, o relógio do campanário é um bom exemplo de máquinas que vão sobrevivendo à passagem do tempo e à voragem do progresso e continuam a afirmar a sua personalidade e utilidade. Da aparente singeleza da máquina, face à dimensão dos pesos, até ao engenhoso sistema de ligação da máquina aos ponteiros, acabando no mostrador e na adenda de uma acutilante frase em latim no seu suporte, é um dos pontos a admirar na passagem do tempo na Casa da Ínsua."

"As fotografias antigas da sala dos retratos permitem-nos perceber que, durante muitos anos, duas redomas, cada uma delas com um relógio de bolso com vistosas correntes de ouro, permaneceram na mesa central em exposição. Trata-se de relógios com história, pois foram, cada um deles, oferta do rei a Francisco de Albuquerque e Castro (1635-1690), como reconhecimento dos serviços prestados e demonstram a proximidade que manteve com cada um deles. O primeiro D. Afonso VI e o segundo D. Pedro II, que se tornou rei depois de afastar o irmão. Francisco esteve na comitiva que trouxe D. Maria Francisca para Portugal, que haveria de ser Rainha de Portugal por duas vezes, ao casar sucessivamente com os dois irmãos. Francisco soube atravessar com doura sabedoria, os graves conflitos entre os dois irmãos e foi muito apreciado por ambos. Francisco de Albuquerque e Castro recebeu também a Comenda de S. Martinho de Chãs, na Ordem de Cristo, que se manteve na Ínsua até a sua extinção", relata José Luís Nogueira no seu estudo ainda inédito.



Das notas do nosso anfitrião, retiramos:

"A Casa da Ínsua, ou Solar dos Albuquerque, é uma das mais interessantes... foi mandada construir na segunda metade do séc. XVIII (cerca de 1780), por Luís... e Cáceres (1739-1797), Fidalgo da Casa Real e, mais tarde, Governador e C... Grosso, no Brasil. "A casa é um edifício de fachada corrida e aberta para belos jardins e a antiga vila de Castendo, hoje Penalva do Castelo, cuja autoria do projecto se atribui ao arquitecto portuense José Francisco de Paiva, embora também seja provável que as directrizes gerais da obra tenham sido elaborados no Brasil, pelo próprio Luís de Albuquerque e a sua equipa de técnicos, tendo o seu irmão João de Albuquerque sido encarregue de as acompanhar.

[José Francisco de Paiva (1744 - 1824), foi um ensamblador e arquitecto do Porto. Terá feito caixas de relógios, em madeira, para a comunidade inglesa na cidade.]

"O jardim em frente da casa é de inspiração francesa, à Le Nôtre, e divide-se em dois níveis, apresentando um traçado geométrico, com os seus compactos buxos de formas singulares, podados em cornucópias, jarras e leques. As camélias, mais de quarenta variedades, que foram plantadas por volta de 1840, e as roseiras, dão a este jardim uma alegria especial, juntamente com um variado conjunto de flores, algumas das quais raras no nosso país, e que apresentam cores diferentes ao longo do ano. No lago central, entre Junho e Julho, florescem as flores de Lótus, cuja beleza se pode admirar apenas durante um dia. O tanque do cisne é outra chave de harmonia deste local."



Uma última história, relacionada com Tempo e Relógios, relatada nos apontamentos ainda inéditos de José Luís Nogueira:

"O cinto do guarda-nocturno ou a história do guarda que era guardado pelo cinto.

"No final do século XIX, princípios do século XX, quase não havia terreno na povoação da Ínsua que não tivesse o marco da flor-de-lis a assinalar a propriedade da família dos Albuquerque.

"Casa nobre e de grande riqueza, também nos muitos terrenos de cultivo era preciso fazer guarda para evitar o desvio de produtos. E é assim que a Casa da Ínsua possuía o seu próprio guarda-nocturno, a quem cabia essa função de vigilância e segurança. A tarefa não era fácil, uma vez que, todas as noites, tinha que percorrer a totalidade da imensa propriedade.

"Para garantir que a vigilância era cumprida religiosamente e controlar o desempenho do seu guarda-nocturno, João de Albuquerque, o último fidalgo da Ínsua, implementou um sistema infalível. Nas suas rondas, o guarda-nocturno levava consigo um cinto, munido de um relógio com um dispositivo especial.

"No seu interior, um mecanismo fazia rodar um rolo de papel numerado, que avançava cada centímetro em determinado período de tempo e que tinha que ser marcado em cada ponto de passagem do seu circuito prédefinido. Isto fazia com que o guarda-nocturno tivesse que percorrer cada ponto específico da quinta num período de tempo que lhe tinha sido atribuído.

"Para ter a certeza que o guarda-nocturno passava nesses pontos dentro do tempo determinado, João de Albuquerque adoptou um outro sistema associado ao mecanismo do relógio, que era constituído por pontos de controlo com chaves de formas diferentes, colocadas em pontos nevralgicos da quinta.

"Ao passar por cada um desses pontos, o guarda-nocturno tinha que introduzir essa chave específica no relógio, que deixava uma impressão distinta no papel e, assim, comprovava que tinha passado por ali na hora que o relógio do cinto marcava na cinta de papel que ia rodando inexoravelmente.

"Só João de Albuquerque tinha acesso ao interior do relógio e, conferindo as marcas deixadas nas diferentes numerações do papel, ficava a saber se as marcas das várias chaves estavam feitas e dentro do período correcto.

"Diz-se também que João de Albuquerque era tão zeloso do cumprimento das tarefas do guarda-nocturno, que conseguia controlar se este estava na casa ou não, através de uma grelha que tinha no chão do seu próprio quarto."

Fernando Correia de Oliveira
in Estação Cronológica 28 de Novembro de 2020



POR TERRAS DE DÃO / LAFÔES

RELÓGIOS DA CASA DA ÍNSUA

FERNANDO CORREIA DE OLIVEIRA

ANDÁMOS POR ESTES DIAS PELA BEIRA ALTA. E VISITAMOS A CASA DA ÍNSUA, QUE TEM UMA INTERESSANTE COLEÇÃO DE MARCADORES DO TEMPO – RELÓGIOS MECÂNICOS E DE SOL. A saudação ao forasteiro é feita em latim: *Preci, labori otioque est, homo, munus meum* (no trabalho, na prece e no ócio, sempre a funcionar) ou ainda outra interpretação: *[O meu mister é chamar o homem para rezar, trabalhar e descansar]*. A frase encontra-se por debaixo do mostrador do relógio de torre no pátio da entrada principal da Casa da Ínsua, Penalva do Castelo.

A Casa da Ínsua, exploração agrícola hoje a cargo do grupo Visabeira e hotel administrado pela rede de Paradores, é também conhecida como Solar dos Albuquerque. Nesta quinta barroca, há vários exemplares de relógios de sol. O exemplar mais curioso, incluído na obra *Relógios de Sol*, dos CTT, é do século XIX. Está na chamada Varanda do Tempo, e tem a inscrição *OMNES VULNERANT ULTIMA NECAT* (Todas ferem, a última mata) – no sentido de que “cada hora fere a nossa vida até que a derradeira a rouba”. Assinado E. DUCRETET & Cia - Paris, trata-se de um heliocronómetro, do tipo equatorial. Colocado sobre uma base móvel, pode assim ajustar-se à latitude do lugar. A sombra projectada no disco principal marca a hora do dia. Uma lente (a chamada alidade), colocada a distância de 15 cm do mostrador secundário, concentra a luz do sol e indica o dia do ano, segundo o calendário gregoriano. Nesse mostrador, em forma de língua, uma linha assinala os Equinócios, outra a meridiana do tempo verdadeiro. Estas duas linhas perpendiculares fazem a divisão das 4 Estações e indicam os meses do ano. A meridiana do tempo médio também está gravada, marcando a chamada Equação do Tempo (a variação de mais 16 ou menos 14 minutos, ao longo do ano, na duração do dia de 24 horas). Tem a forma de uma espécie de 8, a que se chama Analema.

Este tipo de relógio de sol, bastante sofisticado, fabricado pelas oficinas de instrumentos de precisão de Eugène Ducretet e L. Lejeune, em Paris, serve também para ensinar noções de astronomia.

No piso térreo, na parede que integra o conjunto da Boca do Leão, outro relógio de sol, com cunha, para colocar o gnomon paralelo ao eixo da Terra. Peça de metal, com trabalho em relevo, dois lados rampantes, em posição central. Em latim, tem a inscrição *Sine sole sileo* (Sem Sol, fico em Silêncio).

Próximo, aquilo que foi a base de uma meridiana – relógio de sol acoplado a uma pequena peça de artilharia, com lupa. Ao meio-dia solar verdadeiro – quando o Sol atinge o ponto mais alto no horizonte, o zénite – a lente fazia arder uma mecha, que por sua vez fazia disparar o canhão miniatura. Dessas peças, nada resta.

À saída do terraço, junto ao tanque dos cisnes, numa estátua de figuras femininas (conhecidas como “Senhora do Pópulo”, um pedestal com um relógio de sol com três quadrantes verticais, para assim poder “dar horas” desde a aurora ao ocaso. A peça está fora do seu sítio original (e à sombra). Orientada, colocada em lugar soalheiro, voltaria à sua função.

Nas salas, alguns exemplares de caixa alta, não assinados, possivelmente peças do século XVIII, uma delas de Escola Inglesa. Numa delas, um interessante exemplar de mesa, com caixa de música na base. Seria interessante saber os autorfeitos.

Sobre ele, diz-nos José Luís Nogueira, responsável pelo conjunto da Casa da Ínsua e autor de um estudo ainda inédito sobre o espaço: “Outro relógio marcante pela beleza e sofisticação, está ainda hoje no seu posto, por cima da lareira do salão nobre. Máquina extremamente complexa, autêntica jóia da relojoaria, foi dotado de inúmeras funções e capacidades, uma das quais, sempre muito admirada por todos quantos com ele convivi, era a capacidade musical, com diferentes melodias para cada hora e cada ocasião. No entanto, o relógio acabou por ficar mudo e dada a sua extrema complexidade assim



ficou quase um século. Até que Luís, o irmão de João Albuquerque, decidiu dar-lhe uma nova vida. Embalou-o e rumou, com ele, a Paris, onde fora comprado. Na viagem de regresso de comboio, devia vir feliz com o relógio a seu lado, de novo com as todas as funções a funcionarem na plenitude. Porém, na chegada à estação de Mangualde, ao descer da carruagem, o tão apreciado relógio caiu... e voltou a ficar mudo. Regressou ao seu posto, mas perdeu de novo o pio e silêncio continuado... até aos nossos dias!” A máquina do relógio de torre é assinada Jérôme Girard. Um exemplar do século XIX, a bater horas e quartos. De um francês com loja ou oficina em La Coruña e no Porto.

Diz José Luís Nogueira: “A Casa da Ínsua ao longo dos tempos, tem sido palco de uma enorme e rica variedade de relógios que, para além de marcarem as horas, são eles próprios uma marca do tempo. Na vertente dos relógios mecânicos, o relógio do campariê é um bom exemplo de máquinas que vão sobrevivendo à passagem do tempo e à veragem do progresso e continuam a afirmar a sua personalidade e utilidade. Da aparente singeleza da máquina, face à dimensão dos pesos, até ao engenhoso sistema de ligação da máquina aos ponteiros, acabando no mostrador e na adenda de uma acutiliana frase em latim no seu suporte, é um dos pontos a admirar na passagem do tempo na Casa da Ínsua.”

ANUÁRIO
RELÓGIOS
& CANETAS

A CASA DA ÍNSUA NA MONOGRAFIA INÉDITA DE JOSÉ LUÍS NOGUEIRA

“A CASA DA ÍNSUA, ou Solar dos Albuquerque, é uma das mais interessantes casas solarengas da Beira Alta. Foi mandada construir na segunda metade do séc. XVIII (cerca de 1780), por Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres (1739-1797), fidalgo da Casa Real e, mais tarde, Governador e Capitão-General do Estado de Mato Grosso, no Brasil. A casa é um edifício de fachada corrida e aberta para belos jardins e a antiga vila de Castendo, hoje Penalva do Castelo, cuja autoria do projecto se atribui ao arquitecto português José Francisco de Paiva, embora também seja provável que as directrizes gerais da obra tenham sido elaboradas no Brasil, pelo próprio Luís de Albuquerque e a sua equipa de técnicos, tendo o seu irmão João de Albuquerque sido encarregue de as acompanhar. [José Francisco de Paiva (1744 - 1824), foi um ensamblador e arquitecto do Porto. Terá feito caixas de relógios, em madeira, para a comunidade inglesa na cidade.] O jardim em frente da casa é de inspiração francesa, à Le Nôtre, e divide-se em dois níveis, apresentando um traçado geométrico, com os seus compactos buxos de formas singulares, podados em cornucópias, jarras e leques. As camélias, mais de quarenta variedades, que foram plantadas por volta de 1840, e as roseiras, dão a este jardim uma alegria especial, juntamente com um variado conjunto de flores, algumas das quais raras no nosso país, e que apresentam cores diferentes ao longo do ano. No lago central, entre Junho e Julho, florescem as flores de Lótus, cuja beleza se pode admirar apenas durante um dia. O tanque do cisne é outra chave de harmonia deste local.”

ANUÁRIO
RELÓGIOS
& CANETAS

CASA DA ÍNSUA

A RONDA DO VIGILANTE

UMA ÚLTIMA HISTÓRIA, RELACIONADA COM TEMPO E RELÓGIOS, RELATADA NOS APARTAMENTOS AINDA INÉDITOS DE JOSÉ LUÍS NOGUEIRA!

“No final do século XIX, princípios do século XX, quase não havia terreno na povoação da Ínsua que não tivesse o marco da flor-de-lis a assinalar a propriedade da família dos Albuquerque. Casa nobre e de grande riqueza, também nos muitos terrenos de cultivo era preciso fazer guarda para evitar o desvio de produtos. E é assim que a Casa da Ínsua possuía o seu próprio guarda-nocturno, a quem cabia essa função de vigilância e segurança. A tarefa não era fácil, uma vez que, todas as noites, tinha que percorrer a totalidade da imensa propriedade. Para garantir que a vigilância era cumprida religiosamente e controlar o desempenho do seu guarda-nocturno, João de Albuquerque, o último fidalgo da Ínsua, implementou um sistema infalível. Nas suas rondas, o guarda-nocturno levava consigo um cinto, munido de um relógio com um dispositivo especial. No seu interior, um mecanismo fazia rodar um rolo de papel numerado, que avançava cada centímetro em predefinido período de tempo e que tinha que ser marcado em cada ponto de passagem do seu circuito predefinido. Isto fazia com que o guarda-nocturno tivesse que percorrer cada ponto específico da quinta num período de tempo que lhe tinha sido atribuído. Para ter a certeza que o guarda-nocturno passava nesses pontos dentro do tempo determinado, João de Albuquerque adoptou um outro sistema associado ao mecanismo do relógio, que era constituído por pontos de controlo com chaves de formas diferentes, colocadas em pontos nevralgicos da quinta. Ao passar por cada um desses pontos, o guarda-nocturno tinha que introduzir essa chave específica no relógio, que deixava uma impressão distinta no papel e, assim, comprovava que tinha passado por ali na hora que o relógio do cinto marcava na cinta de papel que ia rodando inextinguivelmente. Só João de Albuquerque tinha acesso ao interior do relógio e, conferindo as marcas deixadas nas diferentes numerações do papel, ficava a saber se as marcas das várias chaves estavam feitas e dentro do período correcto. Diz-se também que João de Albuquerque era tão zeloso do cumprimento das tarefas do guarda-nocturno, que conseguia controlar se este estava na casa ou não, através de uma grelha que tinha no chão do seu próprio quarto.”



Fernando Correia de Oliveira
in Relógios e Canetas de Janeiro de 2021

Casa da Ínsua – Hotel Histórico



Relógios de Sol – Património esquecido (*Nem Sempre*)

Entre as honrosas excepções que há certamente neste país não posso deixar passar um caso que verdadeiramente me surpreendeu.

Há alguns anos o Grupo Visabeira adquiriu um palacete do século XVIII pertença de uma família descendente de um Governador e Capitão General de uma região do Brasil concretamente da região de Cuiabá e Mato Grosso.

Mandou esse Governador construir, na Região da Beira Alta, na povoação de Castendo, hoje Penalva do Castelo, uma residência segundo planos por ele definidos.

O Grupo Visabeira que aí criou um Hotel de Charme (Hotel Casa da Ínsua) procedeu a um restauro exemplar do edifício, dos seus envolventes e do seu precioso recheio. Nada do original foi destruído, deitado fora ou considerado de 1.ª, 2.ª ou 3.ª classe.

Tudo isto vem a propósito do conjunto de Relógios de Sol existentes na Casa da Ínsua que além de variados se encontram num bom estado de conservação.

Há, contudo, um pormenor que me levou a escrever este artigo. Num pátio avarandado sobre os belos jardins da casa, além de um bonito relógio de sol Vertical Sul apoiado numa pedra saliente da parede a fim de conseguir uma orientação correta, existe no chão desse pátio um bloco cilíndrico de granito com uma pedra calcária circular onde é notória a passagem do tempo.

Porque terá ficado ali aquele bloco com uma pedra rachada e com marcas de furações?

Aquela “velharia” não foi retirada e permitiu que uma cuidada e leve limpeza revelasse linhas horárias de um relógio de sol assim como o posicionamento das furações leva, julgo eu, a poder-se afirmar que se está em presença do que resta de um Relógio de Sol de Canhão que com o seu disparo de “Pólvora Seca” indicava o Meio-Dia Solar.

Este relógio de sol será provavelmente do período da construção da Casa da Ínsua pois foi por essa época (1785) que este tipo de relógio de sol foi criado e tudo indica ter sido invenção de um engenheiro francês de nome Rousseau.

Os estragos na pedra base resultam da corrosão dos componentes metálicos deste tipo de relógios.

Os meus parabéns ao Grupo Visabeira e um agradecimento especial á sua Administração pelas facilidades que me foram dadas para o estudo dos Relógios de Sol da Casa da Ínsua e pela Visita Guiada que me foi proporcionada e me fez percorrer os séculos XVIII, XIX e XX pelos caminhos desta Família de Beirões que nos legou um excelente património.

As imagens que se seguem são dos Relógios de Sol da Casa da Ínsua, Hotel de Charme em Terras de Castendo.

Pedro Gomes de Almeida

Astrónomo Amador e Gnomonista

